

**ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS
ACADEMIA REAL MILITAR (1811)
CURSO DE CIÊNCIAS MILITARES**

Richard de Paula Gomes

**O EMPREGO DA DOCTRINA DA BLITZKRIEG NA GUERRA DE YOM
KIPPUR E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA ARTE DA GUERRA**

**Resende
2023**



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE
NATUREZA PROFISSIONAL**

**AMAN
2023**

**TERMO DE AUTORIZAÇÃO DE USO DE DIREITOS AUTORAIS DE NATUREZA
PROFISSIONAL**

**TÍTULO DO TRABALHO:
O EMPREGO DA DOCTRINA DA BLITZKRIEG NA GUERRA DE YOMKIPPUR E SUAS
CONSEQUÊNCIAS NA ARTE DA GUERRA**

**AUTOR:
RICHARD DE PAULA GOMES**

Este trabalho, nos termos da legislação que resguarda os direitos autorais, é considerado de minha propriedade.

Autorizo o Exército Brasileiro (EB) a utilizar meu trabalho para uso específico no aperfeiçoamento e evolução da Força Terrestre, bem como a divulgá-lo por publicação em periódico da Instituição ou outro veículo de comunicação do Exército.

A Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN) poderá fornecer cópia do trabalho mediante ressarcimento das despesas de postagem e reprodução. Caso seja de natureza sigilosa, a cópia somente será fornecida se o pedido for encaminhado por meio de uma organização militar, fazendo-se a necessária anotação do destino no Livro de Registro existente na Biblioteca.

É permitida a transcrição parcial de trechos do trabalho para comentários e citações desde que sejam transcritos os dados bibliográficos dos mesmos, de acordo com a legislação sobre direitos autorais.

A divulgação do trabalho, em outros meios não pertencentes ao Exército, somente pode ser feita com a autorização do autor ou da Direção de Ensino da AMAN.

Resende, 29 de maio de 2023

Assinatura do Cadete

Dados internacionais de catalogação na fonte

G633 GOMES, Richard de Paula

A doutrina da Blitzkrieg na guerra de Yom Kippur e suas consequências para arte da guerra / Richard de Paula Gomes – Resende; 2023. 42 p. : il. color. ; 30 cm.

Orientador: Carlos Andrei Bueno Galli

TCC (Graduação em Ciências Militares) - Academia Militar das Agulhas Negras, Resende, 2023.

1. Arte da Guerra. 2. Blitzkrieg. 3. Yom Kippur. I.
Título.

Richard de Paula Gomes

**O EMPREGO DA DOCTRINA DA BLITZKRIEG NA GUERRA DE YOM
KIPPUR E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA ARTE DA GUERRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao
Curso de Graduação em Ciências Militares, da
Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN,
RJ), como requisito parcial para obtenção do
título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Orientador: Ten Carlos Andrei Bueno Galli.

Resende
2023

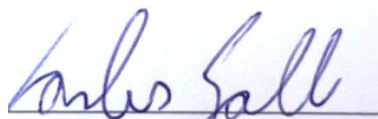
Richard de Paula Gomes

**O EMPREGO DA DOCTRINA DA BLITZKRIEG NA GUERRA DE YOM
KIPPUR E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA ARTE DA GUERRA**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentada ao Curso de Graduação em Ciências Militares, da Academia Militar das Agulhas Negras (AMAN, RJ), como requisito parcial para obtenção do título de **Bacharel em Ciências Militares**.

Aprovado em 21 de agosto de 2023

Banca examinadora:



1º Ten Carlos Andrei Bueno **Galli**
(Presidente/Orientador)



Cap Jerson Geraldo **Neto**
(Avaliador)



Cap Mcclelland **Mozart** Diniz Soares
(Avaliador)

Resende
2023

Dedico esse trabalho, primeiramente, a Deus, pois Ele sempre me ajudou e foi o meu refúgio nos momentos mais difíceis. À minha mãe, Alessandra, que não mediu esforços para que eu seguisse meu sonho de me tornar um Oficial do Exército Brasileiro. Ao meu pai, Wilson, porque sem ele não estaria onde estou hoje e à minha irmã, Ranya, que esteve sempre ao meu lado. Aos meus tios e avós, em especial, meu tio Antônio Silva Costa, que, infelizmente, faleceu, mas, quando em vida, sempre me acompanhou e vibrou com todas as minhas conquistas.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço aos meus pais que sempre deram tudo de si para que eu pudesse estar prosseguindo no meu sonho de me tornar um Oficial do Exército Brasileiro. Também agradeço à minha irmã, que sempre esteve do meu lado, e aos meus avós, que, mesmo de longe, sempre emanaram vibrações positivas para que eu estivesse bem.

Expresso minha gratidão ao meu orientador, 1º Ten Carlos Andrei Bueno Galli, cuja orientação, sabedoria e dedicação foram fundamentais para a conclusão deste trabalho. Sua orientação cuidadosa, feedback construtivo e incentivo constante foram essenciais para o meu crescimento acadêmico e profissional.

Agradeço aos meus camaradas da arma de heróis que estiveram ao meu lado durante toda essa árdua jornada. Suas contribuições, discussões e apoio mútuo foram inestimáveis e fizeram com que essa experiência fosse ainda mais enriquecedora.

Agradeço também aos meus amigos e familiares, pelo amor, apoio e compreensão ao longo desse processo. Seus incentivos e palavras de encorajamento foram importantes para superar os desafios e manter a motivação até o fim.

Por fim, expresso meus sinceros agradecimentos a todas as pessoas que contribuíram, direta ou indiretamente, para a conclusão deste trabalho. Seu apoio e colaboração foram essenciais para eu alcançar este importante marco em minha jornada acadêmica.

Sou extremamente grato por isso!

RESUMO

O EMPREGO DA DOCTRINA DA BLITZKRIEG NA GUERRA DE YOM KIPPUR E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA ARTE DA GUERRA

AUTOR: Richard de Paula Gomes
ORIENTADOR: Ten Carlos Andrei Bueno Galli

Este trabalho de conclusão de curso teve como objetivo analisar o emprego da Doutrina da Blitzkrieg na Guerra de Yom Kippur e suas consequências para a arte da guerra. A pesquisa foi conduzida com base em uma abordagem metodológica indutiva e histórica, que buscou analisar os eventos e contextos históricos relevantes para compreender a aplicação e os impactos dessa doutrina. Desenvolvida pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, a Blitzkrieg, revolucionou a forma de conduzir operações militares com ênfase na guerra de movimento e em manobras rápidas e decisivas. Ao analisar o contexto histórico da Guerra de Yom Kippur, foi possível verificar como Israel aplicou os princípios da Blitzkrieg em suas táticas de combate. Mediante manobras surpreendentes e rápidas, Israel obteve uma vantagem estratégica sobre os países árabes, resultando em uma vitória significativa. Além disso, este trabalho explorou as consequências da aplicação da Doutrina da Blitzkrieg na Guerra de Yom Kippur para a arte da guerra. Observou-se que essa doutrina influenciou não apenas o resultado desse conflito específico, mas também teve impacto em conflitos subsequentes ao redor do mundo. Nesse sentido, foram analisados os avanços tecnológicos e táticos decorrentes da Blitzkrieg, como o desenvolvimento de veículos blindados e a integração de forças aéreas e terrestres. Essas mudanças influenciaram diretamente em como as operações militares são conduzidas, destacando a importância da mobilidade, velocidade e coordenação entre diferentes elementos das forças armadas. Conclui-se, portanto, que o emprego da Doutrina da Blitzkrieg na Guerra de Yom Kippur teve consequências significativas para a arte da guerra, evidenciando a importância da adaptação e inovação estratégica. Através desse estudo, busca-se contribuir para um melhor entendimento dos impactos dessa doutrina no cenário militar e suas implicações para futuros conflitos.

Palavras-chave: Doutrina da Blitzkrieg. Guerra de Yom Kippur. Arte da Guerra. Táticas Militares. Conflitos Armados.

ABSTRACT

THE EMPLOYMENT OF THE BLITZKRIEG DOCTRINE IN THE YOM KIPPUR WAR AND ITS CONSEQUENCES IN THE ART OF WAR

AUTHOR: Richard de Paula Gomes
ADVISOR: Ten Carlos Andrei Bueno **Galli**

This undergraduate thesis aimed to analyze the employment of the Blitzkrieg Doctrine in the Yom Kippur War and its consequences for the art of war. The research was conducted using an inductive and historical methodology, which involved analyzing relevant historical events and contexts to comprehend the application and impacts of this doctrine. Developed by the Germans during World War II, Blitzkrieg revolutionized the conduct of military operations, emphasizing swift and decisive maneuvers in a war of movement. By examining the historical context of the Yom Kippur War, it was possible to observe how Israel applied the principles of Blitzkrieg in its combat tactics. Through surprising and rapid maneuvers, Israel gained a strategic advantage over Arab countries, resulting in a significant victory. Moreover, this study explored the consequences of applying the Blitzkrieg Doctrine in the Yom Kippur War for the art of war. It was observed that this doctrine not only influenced the outcome of this specific conflict but also had an impact on subsequent conflicts worldwide. The technological and tactical advancements resulting from Blitzkrieg, such as the development of armored vehicles and the integration of air and ground forces, were analyzed. These changes directly influenced the conduct of military operations, highlighting the importance of mobility, speed, and coordination among different elements of the armed forces. In conclusion, the employment of the Blitzkrieg Doctrine in the Yom Kippur War had significant consequences for the art of war, underscoring the importance of strategic adaptation and innovation. Through this study, the aim is to contribute to a better understanding of the impacts of this doctrine on the military landscape and its implications for future conflicts.

Keywords: Blitzkrieg Doctrine. Yom Kippur War. Art of War. Military Tactics. Armed Conflicts.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Constituição da Divisão Panzer Alemã em 1935.....	15
Figura 2: Esquema de manobra da Blitzkrieg.....	16
Figura 3: Esquema de manobra da Invasão da França.....	22
Figura 4: A rendição da França.....	24
Figura 5: Disposição dos exércitos e locais de batalha, 6 a 9 de outubro de 1973.....	29

LISTA DE SIGLAS

FAI	Força Aérea de Israel
FDI	Forçade Defesa de Israel
OLP	Organização para a Libertação da Palestina
ONU	Organização das Nações Unidas

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	10
1.1 OBJETIVO.....	11
1.1.1 Objetivo Geral.....	11
1.1.2 Objetivos Específicos.....	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO.....	13
2.1 DA RESTRIÇÃO À INOVAÇÃO: A BLITZKRIEG E A REINVENÇÃO DAS ESTRATÉGIAS MILITARES ALEMÃS.....	13
2.2 FORMA DE MANOBRA DA BLITZKRIEG.....	15
2.3 O IMPACTO DA BLITZKRIEG.....	18
2.3.1 Polônia.....	18
2.3.2 Dinamarca e Noruega.....	19
2.3.3 Frente Ocidental - França e Países Baixos.....	21
2.4 GUERRA DE YOM KIPPUR.....	24
2.4.1 Antecedentes.....	24
2.4.2 A guerra.....	26
2.4.3 Fim da guerra.....	30
2.5 IMPACTO DA DOCTRINA BLITZKRIEG PARA EVOLUÇÃO DA ARTE DA GUERRA.....	30
3 REFERENCIAL METODOLÓGICO.....	32
3.1 MÉTODO DE PESQUISA.....	32
3.2 TIPO DE PESQUISA.....	32
3.3 INSTRUMENTO DE PESQUISA.....	33
3.3 ETAPAS DA PESQUISA.....	33
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	35
4.1 BLITZKRIEG NA 2º GUERRA MUNDIAL.....	35
4.2 TÁTICA EMPREGADA POR ISAREL NA GUERRA DE YOM KIPPUR.....	36
4.3 INFLUÊNCIA DA BLITZKRIEG NA EVOLUÇÃO DA ARTE DA GUERRA.....	37
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS.....	40

1 INTRODUÇÃO

Ao longo da história, diversas doutrinas e estratégias militares têm moldado o cenário das guerras, influenciando a forma como os conflitos são conduzidos. Entre essas doutrinas, destaca-se a Blitzkrieg, desenvolvida pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial. A Blitzkrieg revolucionou a arte da guerra ao introduzir uma abordagem inovadora e altamente eficaz para o emprego das forças militares.

Neste trabalho, abordaremos o tema do emprego da Doutrina da Blitzkrieg na Guerra de Yom Kippur e suas consequências para a evolução da arte da guerra. Entretanto, antes de adentrarmos na análise específica desse evento, é importante compreendermos os antecedentes que levaram ao desenvolvimento da Blitzkrieg.

A Segunda Guerra Mundial foi um período marcado por avanços tecnológicos e mudanças significativas nas estratégias militares. Foi nesse contexto que a Blitzkrieg surgiu como uma resposta aos desafios impostos pela guerra moderna. Essa doutrina, também conhecida como "Guerra Relâmpago", caracterizava-se por sua natureza ofensiva, rápida mobilidade, concentração de forças e uso integrado das diferentes armas disponíveis.

A Blitzkrieg enfatizava a importância da velocidade, da surpresa e da coordenação entre as forças terrestres, aéreas e blindadas. Sua forma de manobra consistia em ataques rápidos e decisivos, buscando explorar as fraquezas do inimigo e desorganizar suas linhas de defesa. Essa abordagem estratégica, de acordo com Junior (2010), foi amplamente utilizada pelos alemães e teve um impacto significativo nos resultados alcançados durante a Segunda Guerra Mundial.

Focando, especificamente, na Guerra de Yom Kippur, ocorrida em 1973, entre Israel e os países árabes, podemos observar como a Doutrina da Blitzkrieg foi aplicada nesse conflito. Segundo Bastos (2020) diante de ataques surpresa e massivos de seus vizinhos árabes, Israel utilizou táticas baseadas na Blitzkrieg para garantir sua sobrevivência e alcançar a vitória.

Bastos (2020) também mostra em sua monografia que as características da guerra de movimento, as manobras rápidas e a concentração de forças foram fundamentais para que Israel pudesse se adaptar rapidamente às circunstâncias desafiadoras e reverter a situação em seu favor. A utilização eficiente da Blitzkrieg por Israel na Guerra de Yom Kippur demonstrou a eficácia dessa doutrina e suas consequências para o desfecho de um conflito armado.

Além do impacto imediato na Guerra de Yom Kippur, este trabalho também analisará as consequências mais amplas do emprego da Doutrina da Blitzkrieg para a evolução da arte da guerra. Será investigado como essa doutrina influenciou estratégias militares posteriores e contribuiu para o desenvolvimento de novas tecnologias e táticas.

A compreensão das consequências do emprego da Doutrina da Blitzkrieg na Guerra de Yom Kippur e sua influência na evolução da arte da guerra é essencial para uma análise abrangente das transformações ocorridas no campo militar. Serão explorados os avanços tecnológicos resultantes da Blitzkrieg, como as estratégias de coordenação e mobilidade.

É importante ressaltar que a aplicação da Doutrina da Blitzkrieg não se limitou apenas à Guerra de Yom Kippur, mas teve impactos duradouros em conflitos subsequentes ao redor do mundo. A sua influência pode ser observada em operações militares recentes, em que a velocidade, a surpresa e a capacidade de adaptação continuam sendo elementos cruciais para o sucesso.

Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo contribuir para o entendimento dos efeitos do emprego da Doutrina da Blitzkrieg na Guerra de Yom Kippur e suas implicações para a evolução da arte da guerra. Através dessa análise, busca-se compreender como essa doutrina influenciou as estratégias militares contemporâneas, promovendo a adaptação e inovação nas operações militares.

Por meio de uma pesquisa fundamentada em fontes bibliográficas e análises históricas, pretende-se examinar as características da Blitzkrieg, sua forma de manobra e como esses elementos foram aplicados na Guerra de Yom Kippur por Israel. Além disso, serão exploradas as consequências dessa aplicação tanto para o desfecho do conflito como para a evolução mais ampla da arte da guerra.

Ao final deste trabalho, espera-se que seja possível compreender de forma mais aprofundada como a Doutrina da Blitzkrieg na Guerra de Yom Kippur influenciou a evolução da arte da guerra, fornecendo princípios valiosos sobre as estratégias militares modernas e suas implicações para os conflitos atuais.

1.1 OBJETIVO

1.1.1 Objetivo Geral

Analisar o emprego da Doutrina da Blitzkrieg na Guerra de Yom Kippur e suas consequências para a arte da guerra.

1.1.2 Objetivos Específicos

Abordar acerca da Doutrina Blitzkrieg e sua importância no cenário mundial, sobretudo na Segunda Guerra Mundial;

Verificar os principais acontecimentos na Guerra de Yom Kippur, analisando a tática usada por Israel para vencer o conflito;

Analisar a doutrina da Blitzkrieg e seus impactos para a evolução da arte da guerra.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 DA RESTRIÇÃO À INOVAÇÃO: A BLITZKRIEG E A REINVENÇÃO DAS ESTRATÉGIAS MILITARES ALEMÃS

Devido aos desdobramentos da Primeira Guerra Mundial, com destaque para a imposição do Tratado de Versalhes, o exército alemão enfrentou severas limitações em termos de efetivo e restrições na posse e uso de armamentos modernos. Essas imposições impossibilitaram o desenvolvimento de um exército alemão moderno e eficiente.

Conseqüentemente, as forças armadas alemãs sofreram significativas reduções, resultando em uma estrutura militar composta por apenas 21 regimentos de infantaria, 18 regimentos de cavalaria, 7 regimentos de artilharia e poucas unidades das forças auxiliares. Essas restrições tiveram um impacto considerável na capacidade militar alemã e criaram uma necessidade de inovação e adaptação nas estratégias de combate utilizadas (RODRIGUES, 2015).

Os parágrafos da parte V do vergonhoso Tratado de Versalhes foram concebidos no ódio. Não estamos, há muito tempo, sujeitos a eles, mas é bom lembrá-los agora e sempre. O Exército alemão, pelo que eles estabeleceram, ficou pequeno e incapaz de desenvolver. Entretanto, a medida mais restritiva não foi a diminuição numérica ou a obrigação de serviço por 12 anos. Foi a proibição de não ter nenhuma arma moderna (GUDERIAN, 2009, p. 162).

Após a assinatura do Tratado de Versalhes e a queda da Bolsa de valores de 1929, Adolf Hitler ascendeu ao poder da Alemanha, iniciando sua reestruturação. O nacionalismo exacerbado e as consequências da 1ª Guerra deram início a principal guerra do século, a Segunda Guerra Mundial (JUNIOR, 2010).

Segundo Junior (2010), a reestruturação alemã ficou a cargo do General Hans Von Seeckt, que colocou em prática a ideia de que o aumento do efetivo do exército seria diretamente proporcional ao aumento de sua eficiência. Os militares que restassem seriam denominados instrutores, ou seja, ensinariam as novas bases da doutrina alemã, cujos pilares seriam a destreza e o espírito profissional.

Von Seeckt sustentava a convicção de que um exército ágil e bem treinado teria a capacidade de destruir um exército maior, porém, menos móvel. Com essa visão em mente, aliada a possibilidade de inovar, ele orientou seus oficiais a desenvolver teorias que priorizassem a mobilidade e a adoção de equipamentos que permitissem colocá-las em prática (JUNIOR, 2010).

A partir das diretrizes estabelecidas por Von Seeckt, começaram a surgir ideias inovadoras em termos de táticas e estratégias militares. Uma teoria em particular, que

envolvia a combinação de surpresa e mobilidade, ganhou destaque e, posteriormente, ficou conhecida como Blitzkrieg (JUNIOR, 2010).

Segundo Cawthorne (2015), as circunstâncias precisas do nascimento da Blitzkrieg são controversas. No entanto, ainda de acordo com o autor, o tanque nasceu para resolver o problema tático da vulnerabilidade da Infantaria e sua baixa mobilidade tática em um campo de batalha, dominado pelo poder de fogo e movimentação de reservas por caminhões ou trilhos.

O historiador alemão Frieser e Greenwood (2005) definiu a Blitzkrieg como uma combinação de ações adotadas pelos comandantes alemães, que mesclavam tecnologia com os princípios militares tradicionais no nível operacional da guerra. Eles aplicavam as manobras corretas nos momentos adequados, utilizando recursos estratégicos de forma eficiente. No entanto, Rodrigues (2015) explica que as origens da teoria da Blitzkrieg são um tanto obscuras, uma vez que o termo "Blitzkrieg", raramente, era encontrado nos manuais militares alemães. O autor também menciona que uma pesquisa recente realizada no Instituto Histórico Militar Alemão, em Freiburg, revelou apenas dois artigos descrevendo essa teoria, e ambos utilizavam o termo para designar uma estratégia de ação rápida.

A Blitzkrieg é um método de guerra que envolve uma força de ataque composta por uma frente ampla de veículos blindados e infantaria motorizada, apoiada por ataques aéreos, conforme Rodrigues (2015). Essa tática pretende, principalmente, romper as linhas defensivas inimigas por meio de uma série de ataques potentes e velozes, permitindo que as forças atacantes adentrem o território inimigo, aproveitando-se do fator surpresa e da mobilidade ágil e, por conseguinte, cercar e atacar pela retaguarda os flancos do inimigo. Em resumo, essa tática é o emprego de armas combinadas em uma guerra de manobra, que visa desequilibrar o inimigo para minimizar a eficácia de sua resposta (RODRIGUES, 2015).

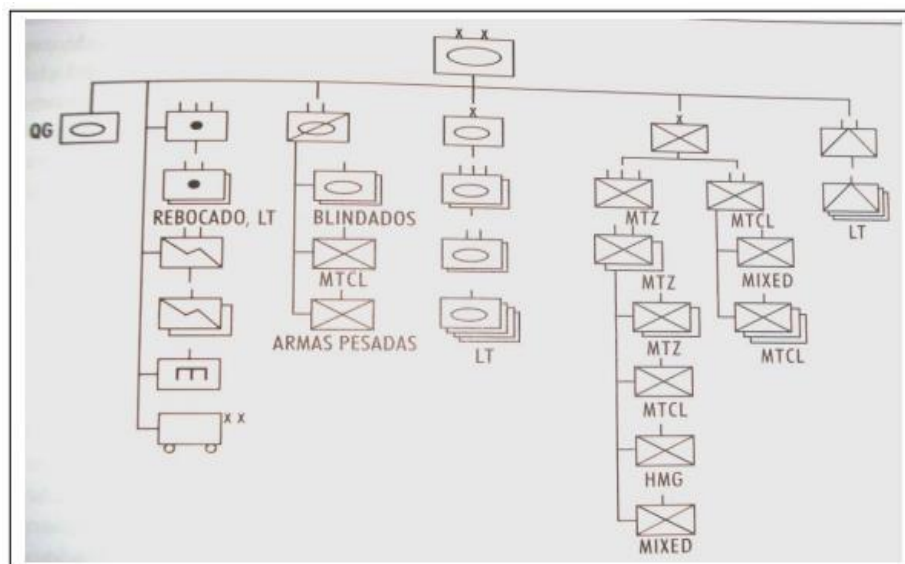
A Blitzkrieg, apesar de ser vista como uma mistura de conhecimentos de alguns dos generais alemães, foi oficializada e consolidada no livro *Achtung! Panzer!* do General Heinz Guderian, publicado em 1937. Essa obra descreveu e defendeu a eficácia da manobra, buscando convencer outros generais e Adolf Hitler sobre sua viabilidade. Mesmo após a vitória contra o exército polonês, muitos ainda duvidavam da eficácia da Blitzkrieg. No entanto, o apoio de Hitler foi conquistado através do livro de Guderian, o que permitiu a aplicação dessa estratégia nos combates subsequentes, resultando em importantes e decisivas vitórias para as forças alemãs (JUNIOR, 2010).

2.2 FORMA DE MANOBRA DA BLITZKRIEG

A Doutrina da Blitzkrieg começou a ganhar força com o lançamento do livro do Gen Heinz Guderian, mas, foi somente com a ascensão de Hitler ao poder, em 1933, que essa nova forma de combate foi realmente implementada pelo exército alemão. A batalha de Kummersdorf marcou um momento crucial, pois foi nesse contexto que o conceito de guerra em movimento saiu do papel e foi testado na prática. A eficácia e o impacto dessa estratégia impressionaram Hitler, levando-o a investir ainda mais na guerra mecanizada e nas famosas Divisões Panzer (JUNIOR, 2010).

Após esse momento crucial, Adolf Hitler convergiu esforços e recursos para a formação das poderosas Divisões Panzer. Já em 1935, a Alemanha contava com três divisões totalmente equipadas, que foram fundamentais para a estratégia de Blitzkrieg da Alemanha, garantindo mobilidade e poder de fogo às forças alemãs durante a Segunda Guerra Mundial (JUNIOR, 2010). Essa estrutura organizacional das divisões é ilustrada na imagem abaixo:

Figura 1: Constituição da Divisão Panzer Alemã em 1935



Fonte: HOUSE (2008)

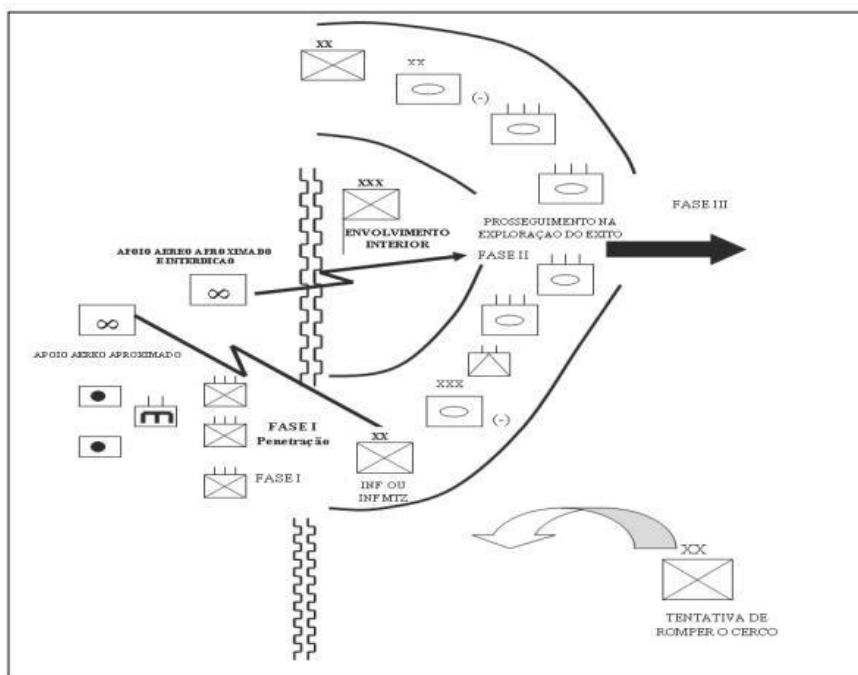
A Divisão Panzer, desenvolvida e organizada pelo Gen Guderian, era constituída da seguinte maneira:

- Companhia de Comando da Divisão;
- 01 Regimento de Artilharia a dois Grupos de Artilharia autopropulsado;
- 01 Batalhão de Transmissões (Comunicações) a 2 Batalhões;
- 01 Companhia de Engenharia;
- 01 Unidade logística da Divisão;

01 Batalhão de Cavalaria Blindada;
 01 Brigada Blindada;
 01 Brigada de Infantaria Motorizada; e
 01 Batalhão Anti-carro. (JUNIOR,2010, p.26)

Uma vez que as Divisões Panzer foram montadas e organizadas taticamente, o próximo passo seria integrá-las à estratégia da Blitzkrieg. Os oficiais alemães ficaram incumbidos de instruir os comandantes das Divisões Panzer sobre como atuar em um esquema de Blitzkrieg. Abaixo, a figura representa o esquema de manobra da Blitzkrieg, usado pelo Gen Heinz Guderian.

Figura 2: Esquema de manobra da Blitzkrieg



Fonte: JUNIOR (2010)

A Doutrina da Blitzkrieg foi também conhecida como "Guerra Relâmpago" pelos jornalistas da época, devido a sua rápida mobilidade combinado com o potente poder de fogo. Essa abordagem, como Junior (2010) explica, fez com que Hitler obtivesse êxito contra inimigos com efetivos superiores aos do exército germânico.

A estratégia da Guerra Relâmpago consistia em formar uma força ofensiva com os carros de combate das Divisões Panzer, que eram apoiados por esquadrões de aviões de caça atuando como apoio de artilharia. Essas aeronaves direcionavam seus ataques aos pontos fracos da linha de defesa inimiga. Após romper a linha de defesa, os tanques adentravam rapidamente o território inimigo, causando um estrago significativo e forçando o inimigo a recuar para o interior de seu país. Além disso, os tanques não apenas deixavam a infantaria a pé para trás, mas também mantinham o ímpeto do ataque a uma velocidade impressionante, variando entre

50 e 80 km/h (JUNIOR, 2010).

Segundo Rodrigues (2015), para alcançar uma divisão de combate eficiente, era necessário ter tropas bem treinadas e altamente qualificadas, especialmente em uma guerra de movimento. Nesse tipo de conflito, as medidas de coordenação e controle se tornavam mais complexas, exigindo uma atenção minuciosa. O autor também analisou detalhadamente a função de cada peça de manobra, como os carros de combate, a infantaria, a aviação, e até mesmo como o elemento surpresa era utilizado. Essa análise aprofundada proporciona uma compreensão mais completa das táticas e estratégias empregadas na Blitzkrieg.

De acordo com o autor supracitado, no que diz respeito aos carros de combate, a essência da guerra residia em derrotar o inimigo no menor tempo possível. Nesse sentido, os veículos blindados desempenhavam um papel crucial, atuando como a "ponta de lança" e ditando o ritmo do avanço. Era essencial que esses veículos operassem de forma coesa, tanto em situações defensivas quanto ofensivas. Em confrontos com múltiplas frentes, concentrar uma quantidade maior de carros de combate era preferível a dispersá-los, proporcionando uma vantagem estratégica mais significativa.

Além disso, a infantaria desempenhava um papel fundamental ao apoiar e seguir logo atrás dos carros de combate, visando explorar e consolidar o sucesso da missão de conquista do terreno. Era essencial que a infantaria estivesse equipada com armamentos pesados, ao mesmo tempo em que utilizava vestimentas leves para garantir maior mobilidade. Dessa forma, eles seriam capazes de responder rapidamente a diferentes situações táticas e desempenhar suas funções de maneira eficiente (RODRIGUES, 2015).

No que se refere à Força Aérea, sua principal missão consistia em atacar as reservas inimigas, a fim de prevenir possíveis contra-ataques, além de investir contra os centros de comando, ferrovias, estradas, armamentos antitanque e veículos blindados. Outrossim, a Força Aérea desempenhava um papel importantíssimo ao bombardear áreas com concentração de tropas inimigas. Essas ações tinham o objetivo de desestabilizar as linhas de comunicação e suprimentos do inimigo, enfraquecendo sua capacidade de resposta e contribuindo para o sucesso das operações terrestres. Os ataques teriam de ser feitos com agressividade e velocidade, de maneira a realizar penetrações médias ou profundas com o emprego dos blindados concomitantemente ao apoio da força aérea, retardando as linhas de defesa inimiga (RODRIGUES, 2015).

Nesse contexto, podemos observar que a Blitzkrieg representa um ataque estrategicamente coordenado, que incorpora vários princípios fundamentais da guerra, tais como surpresa, concentração de forças, aproveitamento do terreno favorável, utilização de armamentos

adequados e um planejamento eficiente. Esses elementos combinados possibilitam a execução de uma ofensiva rápida e decisiva, visando desequilibrar as forças inimigas e obter uma vantagem significativa no campo de batalha. A Blitzkrieg, portanto, requer um desenvolvimento cuidadoso e uma execução sincronizada para alcançar o sucesso desejado.

2.3 O IMPACTO DA BLITZKRIEG

Neste tópico, será abordado a utilização da manobra da Blitzkrieg em alguns conflitos e em outros países, a fim de mostrar uso prático e o desenvolvimento ao longo do tempo desta manobra.

2.3.1 Polônia

Em 1º de setembro de 1939, a Alemanha lançou sua invasão à Polônia, marcando o início da implementação do plano "Fall Weiss" ou Plano Branco, conforme descrito por Rodrigues (2015). Surpreendentemente, em apenas 17 dias, a Alemanha havia conquistado metade do território polonês. Segundo o autor, o exército alemão demonstrou sua poderosa força, mobilizando quatro exércitos provenientes da Prússia Oriental, Pomerânia, Silésia e Eslováquia, totalizando um impressionante contingente de sete divisões. Essa rápida e avassaladora ofensiva alemã evidenciou a eficácia e a força da Blitzkrieg como estratégia militar.

Nesse contexto, os alemães começaram em prática sua ofensiva, iniciando com um bombardeio naval, seguido por um forte ataque aéreo, que, em apenas dois dias, já havia destruído a força aérea polonesa. Ademais, em solo firme, as Divisões Panzer abriram caminho para infantaria a pé e motorizada (RODRIGUES, 2015). No segundo dia do conflito, o autor explica que se tornou inegável a implementação do inovador método de fazer guerra pelos alemães. Mediante uma ação conjunta rápida e agressiva das forças terrestres, navais e aéreas, executada para surpreender o inimigo, eles estabeleceram a temida "Guerra Relâmpago".

O ataque alemão foi feito em quatro frentes diferentes, visando dividir o exército polonês, de modo que a invasão fosse rápida e profunda, totalmente diferente da Primeira Guerra Mundial. A velocidade dos blindados das sete Divisões Panzer ditaram o ritmo do combate (RODRIGUES, 2015). Nesse sentido, a manobra foi tão inovadora e o sucesso de Hitler reverberou no mundo todo.

Após avançar impressionantes 300 km no território polonês, o exército alemão

continuou sua progressão ininterrupta. Diante desse avanço rápido e avassalador, a capital, anteriormente Varsóvia, foi transferida para Lublin como uma medida de precaução. Em apenas uma semana, as forças polonesas foram derrotadas, solidificando assim a expressão "Guerra Relâmpago" para descrever a natureza veloz e agressiva dos ataques alemães. No entanto, apesar do sucesso alcançado pelos alemães, algumas deficiências ainda se faziam presentes, principalmente, nas áreas de comunicação, logística, coordenação e controle do exército (RODRIGUES, 2015)

Falta de coordenação entre a artilharia e as forças Panzer, o que levou um atraso no avanço das Forças de Guderian, devido uma barragem mal coordenada;
 Problema nos meios de comunicações que faziam o contato Força Blindada e o Apoio Aéreo, além da falta de experiência entre planejadores do Exército e da Força Aérea no tocante o trabalho conjunto de planejamento e controle sobre o apoio aéreo aproximado;
 A presença dos comandantes de divisão e brigada mais na frente da batalha, o que facilitava nas decisões mais importantes mais rápidas, mas tirava dos comandantes de Regimento e Batalhões sem iniciativa para o comando de suas forças;
 Problemas Logísticos, principalmente os relacionados ao suprimento de peças de reposição e da deficiência na manutenção dos meios mecanizados e blindados;
 Um grande problema foi a deficiência apresentada pelo Panzer I, que era um veículo pensado para o treinamento da tropa, mas que foi colocado como carro base da Força Panzer e que se mostrou muito frágil no seu emprego contínuo no campo de batalha;
 A Alemanha começou a guerra sem que suas forças mecanizadas estivessem preparadas, como exemplo, as forças panzer perderam 218 carros durante a campanha da Polônia, o que representava quase 10% do total de carros de combate alemães contra uma produção mensal de 57 carros o que estava aquém das necessidades das forças em combate. (JUNIOR, 2010, p. 30)

2.3.2 Dinamarca e Noruega

Após a bem-sucedida conquista da Polônia, Hitler expandiu suas ambições e reconheceu a importância estratégica de controlar a Dinamarca e a Noruega para proteger o território alemão. A ocupação desses países tinha como objetivo afastar os britânicos que estavam presentes na região e aproximar a frota nazista da ilha britânica.

Os países escandinavos possuíam reservas significativas de minérios, o que era de grande valor para a Alemanha. Isso se tornou ainda mais relevante com o surgimento das Divisões Panzer e o uso constante da Blitzkrieg, pois os veículos blindados alemães precisavam de reparos e peças. Nesse sentido, a grande fonte de recursos minerais desses países seria extremamente benéfica para o aparato militar alemão (RODRIGUES, 2015).

O terreno dinamarquês era plano e pouco acidentado, propício para forma de manobra empregada pelos alemães. Nesse contexto, os germânicos desembarcaram com sua infantaria no território oponente na cidade de Copenhague, onde se localizava a família real. Inicialmente a guarda real demonstrou resistência, não obstante, à medida que as formações alemãs

começavam a chegar e impor superioridade de força e numérica, a família real optou pela rendição (RODRIGUES, 2015).

A invasão da Dinamarca durou menos de seis horas e foi a mais curta campanha militar conduzida pelos alemães durante a guerra. As forças de defesa do país eram pequenas, grande parte da sua aviação de combate foi destruída ainda em solo, nas primeiras horas da manhã. Algumas tropas dinamarquesas conseguiram algumas vitórias sobre o exército alemão, impondo a este 203 perdas e sofrendo 16 mortes e 20 feridos. (OUTZE, 1962. p. 359)

Paralelamente ao ataque a Dinamarca, acontecia a invasão a Noruega. Entretanto, neste conflito, os alemães encontraram um nível maior de dificuldade de romper as linhas inimigas, tendo em vista que os ingleses e franceses ofereceram uma maior resistência, tanto em pessoal quanto em máquinas. As tropas da Alemanha enfrentaram cerca de 800 aviões e 50 navios, o que causou recuos de ambos os lados, fato que pôs a prova a Guerra Relâmpago (RODRIGUES, 2015).

Conquanto, a Blitzkrieg veio à tona na contra ofensiva alemã, a qual se mostrou mais eficiente e, deste modo, desequilibrou a batalha. Os germânicos atacaram os principais portos, utilizando a combinação de armas, porém, com uma melhor coordenação e um excelente uso das comunicações, diferente do que fora visto contra a Polônia.

O ataque foi realizado por 06 grupos de forças mistas, com apoio aéreo e naval, cada qual com objetivos e localidades de desembarque específico, no propósito descolarem-se pelo interior do país, para conquistar e estabilizar as vitórias, com avanços rápidos e concentrados. (YOUNG, 2015, p.33)

Com base nos sucessos das operações alemãs, fica evidenciado que a Blitzkrieg mais uma vez demonstrou ser eficaz, sobretudo, no combinado bombardeio aéreo, juntamente com tropas aerotransportadas e forças navais, como bem abordado no trecho abaixo.

No dia 9 de abril a força naval alemã conquistou e desembarcou tropas em Narvik, no extremo norte da Noruega. No dia seguinte sofreram um contra-ataque britânico, de forças navais que se encontravam próximas e tinham o objetivo de conquistar e manter esse porto, colocaram a pique dois destróieres da marinha alemã. Contudo, elas receberam apoio de outros destróieres e afundaram dois navios ingleses. Porém com o apoio de um couraçado os britânicos conseguiram, no dia 13 de abril, vencer a batalha naval de Narvik e buscarem a conquista da cidade, sob o poder dos alemães (SHIRER, 1962, p.133)

Era inegável que os alemães estavam dominando o conflito. Após o primeiro confronto terrestre entre as forças alemãs e as forças inglesas e norueguesas, ficou evidente a superioridade alemã. As tropas inglesas e norueguesas estavam em desvantagem, enfrentando os alemães de forma individual e isolada.

Já as tropas de Hitler tinham o apoio de tanques leves e da artilharia, fator crucial para vitória alemã. Além disso, os ingleses entraram em retirada para fortalecer a frente de batalha com a França, a qual logo seria investida pelos exércitos nazistas. Dessa forma, a Noruega

aceitou a rendição e, mais uma vez, a Alemanha mostrou ao mundo a eficiência da Blitzkrieg (RODRIGUES, 2015). Fato evidenciado em um pequeno trecho do livro *Ascensão e Queda do Terceiro Reich*.

A conquista da Noruega demonstra mais uma vez a velocidade com que as forças armadas germânicas, dominaram uma nação, pouco menos de um mês. O balanço do conflito foi de 1.317 mortos, 2.375 desaparecidos e 1.604 feridos num total de 5.296 pelo lado dos alemães, com destaque negativo para a redução do poderio naval alemão, pois, para conseguir conquistar os portos noruegueses os alemães sofreram com as baterias de defesa portuária dos escandinavos e se colocaram ante a mais poderosa frota naval do mundo os britânicos, que gerou importantes perdas para as forças navais germânicas. Já os aliados, franceses, britânicos e noruegueses, perderam aproximadamente 5.000 homens entre mortos, feridos e desaparecidos e sofreram um golpe na sua moral por mais uma derrota para os alemães, de forma contundente e rápida. (SHIRER, 1962, p.139)

2.3.3 Frente Ocidental - França e Países Baixos

No dia 10 de maio de 1940, durante a campanha da Noruega, as forças alemãs surpreenderam os Aliados com um ataque coordenado e maciço na frente ocidental da guerra. Esse foi o início da ofensiva alemã que tinha como destino a França, e se deu através do norte, com a intenção de contornar a Linha Maginot. A estratégia alemã pegou os aliados e foi um ponto crucial na Segunda Guerra Mundial, pois, permitiu que as forças alemãs avançassem rapidamente pelo território francês (RODRIGUES, 2015).

Após a invasão da Noruega, em 10 de maio de 1940, as forças alemãs lançaram uma ofensiva coordenada na frente ocidental da guerra, surpreendendo os Aliados. Os combates se intensificaram e, em 12 de maio, a Grebbe-Peel (linha de defesa holandesa) foi esmagada pelos alemães, que avançaram para dominar as margens sul do Nieuwe Maas, oposta a Rotterdam. Na frente central, eles alcançaram a linha Meuse, e o 7º exército francês, deslocado para apoiar os holandeses, não conseguiu parar o avanço alemão (RODRIGUES, 2015).

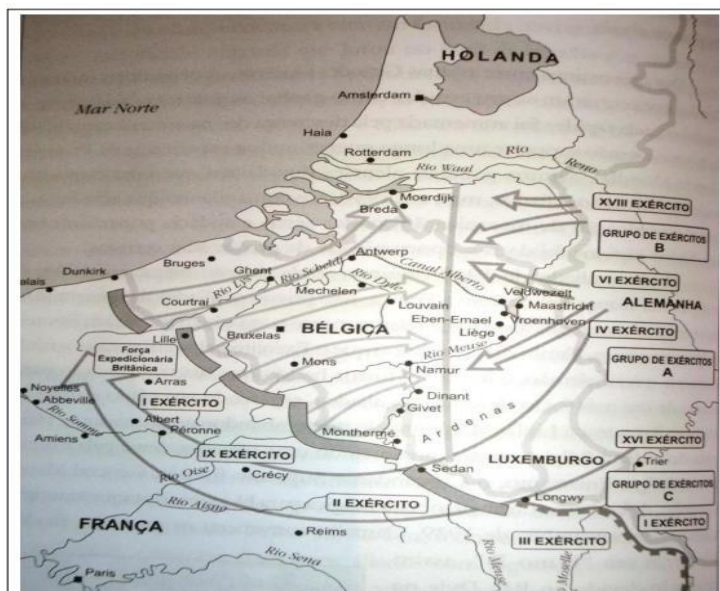
No dia seguinte, os alemães chegaram às portas de Roterdã e a Luftwaffe executou o bombardeio aéreo mais pesado registrado na história da guerra (RODRIGUES, 2015). Esses eventos foram descritos por diversos autores, como Shirer (1962), Krause e Phillips (2006), Citino (1999) e Frieser e Greenwood (1995). Shirer destacou a surpresa dos Aliados diante da ofensiva alemã, enquanto Krause e Phillips abordaram a história da arte operacional durante a Segunda Guerra Mundial. Citino analisou a doutrina e o treinamento do exército alemão no período pré-guerra, enquanto Frieser e Greenwood examinaram a "lenda do Blitzkrieg" na Operação Fall Gelb, que incluiu o avanço das forças alemãs na Holanda e na França.

Após tal momento, as Forças Aliadas viram o poder da guerra em movimento, quando, em 5 dias, Hitler já dominava a Holanda, prova que a combinação do poder de motores com as armas estavam funcionando, segundo Rodrigues (2015). Já no ataque aos belgas, os Aliados pensaram que sua defesa iria sustentar por mais tempo e, assim, conseguiriam se reorganizar e impedir o avanço de Hitler. Contudo, uma força implacável de blindados rompeu as linhas de defesa belga, a qual só aguentou por apenas dois dias. Por conseguinte, os alemães conseguiram se infiltrar no território inimigo (RODRIGUES, 2015).

Nesta mesma data, 14 de maio de 1940, duas divisões de tanques blindados da XIX Divisão do General Heinz Guderian avançaram a partir de uma ponte feita pelo corpo de engenheiros sobre o Mosa, próximo a Sedan, contra a qualna tentativa de destruí-la os aliados perderam 60 tanques e 40 aviões. Em 24 horas, a inserção dos alemães, em território inimigo, já era de 48 quilômetros de largura e 24 quilômetros de profundidade. (SHIRER, 1962, p.139)

A facilidade de romper linhas inimigas dos alemães causava desconforto e descontrole aos Aliados, que, por sua vez, ficavam com dificuldades de se reorganizar e contra-atacar, segundo Rodrigues (2015). Isto ocorria devido à inteligência e ação de comando dos generais de Hitler, conforme a imagem abaixo, a qual demonstra o esquema de manobra da Invasão a França.

Figura 3: Esquema de manobra da Invasão da França



Fonte: MCKNIGHT (2008)

Até aquele momento, o apoio aéreo desempenhava um papel crucial nas conquistas e na proteção dos flancos alemães. A Luftwaffe era capaz de reabastecer rapidamente as forças em campo, além de possuir um sistema de comunicação eficiente e tempo de resposta excepcional.

Esse suporte aéreo foi uma das chaves para a efetividade da estratégia de Guerra Relâmpago, adotada pelos alemães, que pareciam imbatíveis. Esses pontos são destacados por Bond em seu livro *Britain, France and Belgium, 1939-1940* (1990).

No dia 27 de maio de 1940, as forças belgas se renderam de maneira incondicional, e às 4 horas da madrugada do dia seguinte, as armas foram depostas. Essa rendição foi um ponto de inflexão na campanha militar, pois, os ataques alemães mudaram de direção, concentrando-se na conquista do canal da Mancha. Essas informações são referenciadas indiretamente a partir de uma fonte jornalística da época, o *Jornal do Brasil*.¹

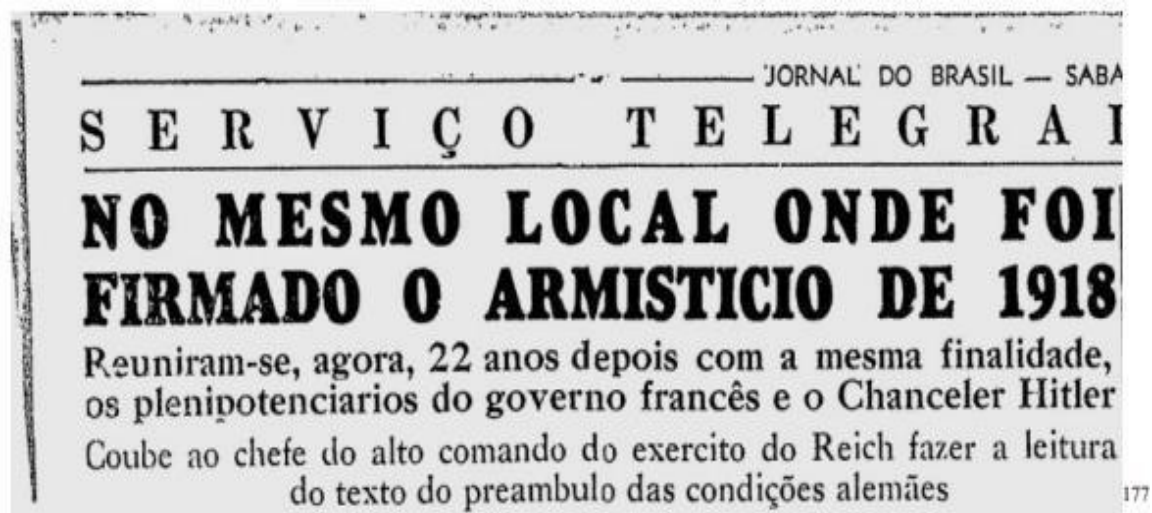
Durante a campanha militar nazista contra a França em 1940, os generais de Hitler demonstraram superioridade tática e estratégica. Aliado a isso, a velocidade e agilidade das tropas alemãs pegaram os franceses despreparados e sem uma proteção adequada. O avanço rápido sobre cidades e a travessia de rios e locais históricos da Primeira Guerra Mundial pareciam insuperáveis para os franceses, que se viam diante de uma força militar aparentemente invencível. Essa situação gerava incredulidade, medo e pavor entre os generais franceses, agravando a desorganização do país (RODRIGUES, 2015).

A França enfrentou dificuldades em organizar uma defesa efetiva para proteger a cidade de Paris. Após as derrotas na Bélgica, o sistema de defesa mais profundo estabelecido entre os rios Somme e Aisne se mostrou insuficiente para conter o avanço alemão. A agilidade e velocidade das tropas nazistas permitiram a conquista de cidades e a travessia de rios, conforme Young (2015).

A aparente invencibilidade das forças alemães levou à rendição da França em 22 de junho de 1940, quando as condições impostas pelos alemães foram aceitas. Curiosamente, a rendição ocorreu simbolicamente no mesmo local e no mesmo vagão de trem onde, em 1918, os alemães se renderam durante a Primeira Guerra Mundial. Agora, era a França que se curvava diante da situação (YOUNG, 2015). É notável a ironia desse evento, destacando o contraste entre os papéis das duas nações nas duas guerras mundiais.

¹ *Jornal do Brasil*, edição de 21 de maio de 1940, número 117 do ano L, página 7.

Figura 4: A rendição da França



Fonte: JORNAL DO BRASIL (1940)²

Após a tomada da França, Hitler conseguiu dominar toda a Europa que se deu, através da implacável guerra em movimento e da utilização das forças Panzer, que se mostraram superiores à estratégia defensiva adotada pelos aliados. O despreparo destes últimos foi um fator determinante para o sucesso das táticas alemãs (JUNIOR, 2010).

2.4 GUERRA DE YOM KIPPUR

A Guerra do Yom Kippur, também conhecida como Quarta Guerra Árabe-Israelense, foi um importante conflito militar que ocorreu, em outubro de 1973, entre as Forças de Israelita (FDI) e as forças egípcias e sírias. Este conflito teve um papel fundamental no conflito-árabe-israelense e nas relações internacionais, já que foi a primeira vez em que os árabes partiram para a ofensiva, conseguindo recuperar, nas primeiras semanas do conflito, alguns trechos dos territórios ocupados por Israel, incluindo a margem oriental do Canal de Suez egípcio e partes das Colinas de Golã sírias, conforme Salem (1982).

2.4.1 Antecedentes

Após a Guerra dos Seis Dias, a instabilidade política no Oriente Médio, que já era preocupante, agravou-se consideravelmente. De acordo com Batista (2011), o conflito

² Jornal do Brasil, Rio de Janeiro, 22 de junho de 1940, número 145 do ano L, p. 8.

contribuiu para aumentar o ódio e a intolerância dos países árabes em relação a Israel, que já existia desde a fundação do estado judeu. Essa hostilidade ficou ainda mais evidente e intensa, o que dificultou ainda mais a buscar por soluções pacíficas para os conflitos na região.

A Guerra supracitada ocorreu em junho de 1967 e resultou na apropriação de territórios pelos israelitas, incluindo a Cisjordânia (anteriormente pertencente à Jordânia), os montes Golã (pertencentes à Síria), a Faixa de Gaza e o deserto do Sinai, estendendo a fronteira ocidental de Israel até a margem leste do canal de Suez (pertencente ao Egito). Essa apropriação territorial gerou grande descontentamento no mundo árabe, que se sentiu derrotado e viu territórios que lhes pertenciam sendo ocupados pelo rival, agravando ainda mais a já tensa situação política na região (BATISTA, 2011).

O autor ainda comenta que, após o fim da Guerra dos Seis Dias, em meados de julho de 1967, Israel apresentou proposta de paz ao Egito e à Síria, mediadas pelos Estados Unidos. Nessas propostas, Israel se mostrou disposto a recuar da maior parte do território da Cisjordânia, fazendo apenas alguns ajustes nas fronteiras. Tal atitude de Israel, segundo Batista (2011), demonstrava uma tentativa de buscar soluções pacíficas para a situação política e territorial na região do Oriente Médio após a guerra. No entanto, as propostas não foram aceitas pelos países árabes e a instabilidade na área fora mantida.

Além disso, em um momento de instabilidade, a Organização das Nações Unidas (ONU) aprovou a Resolução 242 em 22 de novembro de 1967. Essa resolução exigia que Israel se retirasse dos territórios árabes ocupados e estabelecesse as bases para uma paz justa e duradoura na região. No entanto, os líderes de Israel não aceitaram prontamente essa resolução, mesmo que estivessem dispostos a negociar, pois, ela não atendia às suas expectativas e demandas (BATISTA, 2011).

Após o fracasso das negociações entre Israel e os países árabes, os países árabes buscaram apoio da URSS para reestruturar seu armamento, uma vez que o exército árabe estava devastado e enfrentava escassez de recursos após o término da Guerra dos Seis Dias, como comenta Batista (2011). Ao mesmo tempo, Israel, ao perceber as ações de seus potenciais inimigos, solicitou apoio aos Estados Unidos. Além disso, para se proteger de possíveis investidas, Israel construiu a Linha Bar-Lev na margem oriental do Canal de Suez, no Sinai. Essa linha defensiva fortificada foi projetada para repelir qualquer ataque egípcio, garantindo a segurança das regiões ocupadas por Israel (BATISTA, 2011).

Enquanto Israel investia na sua linha de defesa, os armamentos russos não paravam de chegar em território árabe. Manobras com os carros de combate árabes eram feitas também e, deste modo, a diplomacia se afastava cada vez mais. Tais fatos eram negligenciados pelos

israelitas, pois eles achavam que estariam prontos para defender suas posições a quaisquer ataques árabes e descreditavam, equivocadamente, de um possível conflito (BATISTA, 2011).

Enfim, o período que sucedeu à Guerra dos Seis Dias propiciou um ambiente de conflito diplomático, em que as diferenças ideológicas, sociais, políticas e culturais ditaram uma falta de entendimento latente entre Israel e os países árabes. A ocupação de territórios árabes por Israel intensificou o sentimento de descontentamento e desconfiança da Liga Árabe em relação ao estado judeu, gerando um novo conflito: A Guerra de Yom Kippur (BATISTA, 2011).

2.4.2 A guerra

Em 1970, após o falecimento do presidente do Egito, Gamal Abdel Nasser, Anwar el-Sadat assumiu seu lugar. Sadat tinha a intenção de se afastar dos soviéticos e se aproximar do Ocidente. Nesse contexto, Bastos (2020) esclarece que ele solicitou aos Estados Unidos que informassem ao gabinete israelense que, caso Israel retirasse suas forças do Canal de Suez, o Egito estaria disposto a reabri-lo e a buscar um acordo de paz.

No entanto, de acordo com Bastos (2020), Israel fez uma exigência para aceitar o acordo: o reconhecimento oficial do Estado de Israel pelos países árabes. Essa demanda foi considerada excessiva por Sadat, que não viu outra opção senão recorrer à guerra. Diante disso, ele buscou armamentos junto aos russos, mas sua solicitação foi recusada, uma vez que ele havia se distanciado da União Soviética. Nesse cenário, Sadat tomou a decisão de entrar em conflito armado para buscar seus objetivos.

Durante o período de tensão pós-Guerra dos Seis Dias, a recusa dos russos, a intransigência israelense e a resistência dos EUA em negociar levaram o presidente egípcio, Sadat, a tomar a decisão de ir à guerra. No entanto, sua estratégia foi diferente das anteriores, buscando uma campanha de "propósitos limitados" com objetivos táticos e estratégicos bem definidos. Sadat estava convencido de que a única forma de recuperar Gaza e o Sinai era impondo uma derrota parcial a Israel, sem buscar seu extermínio. Essa estratégia árabe foi bem-sucedida, levando Israel a ceder à pressão internacional e negociar a devolução dos territórios ocupados. (BRENER, 1997, p.54).

Mesmo com as movimentações dos Países Árabes, sobretudo o Egito, os generais israelenses não acreditavam que a guerra estava por vir, com exceção do General Moshe Dayan, o qual suspeitava de que o conflito estaria iminente. Tropas sírias realizavam exercícios com carros de combate na fronteira, algo que não era tão comum. Dessa forma, Dayan colocou a Força Aérea em alerta, pois, sabia que não conseguiria repelir um ataque árabe, caso houvesse (BATISTA, 2011).

Apesar da tensão contínua entre Israel e Egito, as hostilidades foram mantidas sob controle, com incidentes de diferentes magnitudes, ocorrendo, principalmente, na área do Canal

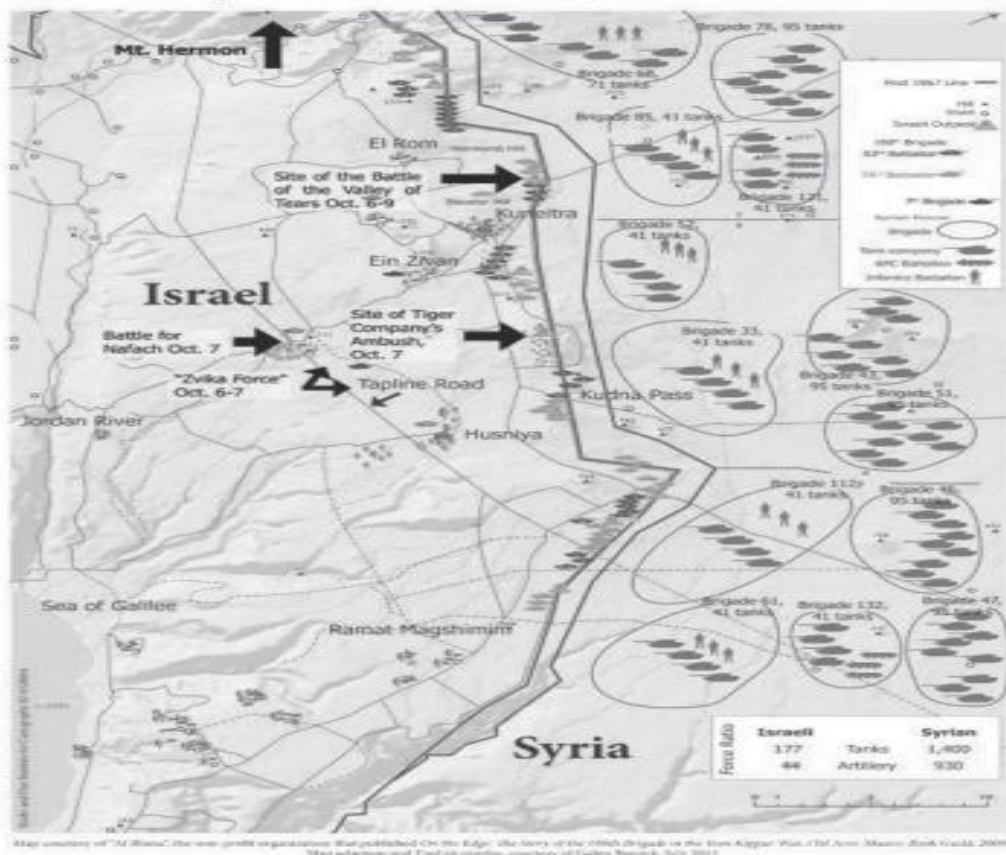
de Suez, conforme Herzog (1977). No entanto, conforme o autor, em 6 de outubro de 1973, ocorreu uma surpreendente virada de eventos quando os árabes lançaram um ataque contra Israel, coincidindo com o feriado judaico de Yom Kippur.

Após negligenciar todos os sinais árabes de que um possível conflito iria acontecer, Israel foi atacada no dia 6 de Outubro de 1973. Os árabes utilizaram o princípio da surpresa, pois, como Gilbert (1998) explica, anualmente, no dia 5 de outubro, é celebrado o Yom Kippur, conhecido como "Dia de Expição Judaico". Durante esse dia, a maioria dos judeus e israelenses participa de um período de jejum e oração, passando a noite e grande parte do dia seguinte na sinagoga. Durante o Yom Kippur, Israel mergulha em uma atmosfera de calma e tranquilidade. Esse é considerado o dia mais sagrado do calendário judaico. O ataque ocorreu justamente nesse evento, quando eles não estavam preparados.

Em 6 de outubro de 1973, as forças militares da Síria, na frente Norte, e do Egito, na frente Sul, lançaram um ataque surpresa contra Israel com o objetivo declarado de destruir o Estado judaico. O presidente egípcio, Anwar Sadat, havia adotado uma postura agressiva e se mostrado disposto a sacrificar um milhão de soldados na guerra contra Israel. As forças árabes surpreender as forças israelenses, que não estavam preparadas para o ataque, e obtiveram vitórias significativas no início do conflito, infligindo perdas graves aos israelenses (BASTISTA, 2011).

Às 14 horas desse mesmo dia, as forças aéreas da Síria e do Egito realizaram um ataque surpresa em conjunto, seguido do avanço das tropas pelo Canal de Suez. A Linha Bar-Lev, uma fortificação defensiva construída por Israel na margem oriental do canal, foi removida por mangueiras de água de alta pressão, permitindo, assim, a passagem das tropas especiais que escoltavam engenheiros egípcios, responsáveis pela construção de pontes militares planejadas em sessões separadas. Enquanto isso, as forças sírias atacavam o Golã, atraindo a atenção da Força de Defesa de Israel (FDI). A estratégia israelense foi concentrar o exército no combate aos sírios, deixando a FDI encarregada de conter os egípcios. No entanto, a FDI encontrou dificuldades no enfrentamento dos egípcios (BASTOS, 2020).

Figura 5: Disposição dos exércitos e locais de batalha, 6 a 9 de outubro de 1973.



Fonte: THE TIMES OF ISRAEL (2015)³

A guerra ocorreu em duas frentes: frente sul e frente norte. A estratégia árabe, contou, primeiramente, com o efeito surpresa, conseguindo uma vantagem inicial. Concomitante a isso, a forma agressiva e veloz com que estes deferiram o ataque, fizeram com que Israel tivesse bastantes perdas e, deste modo, conseguiram ganhar terreno.

No entanto, conforme Batista e Gabriel (2011), com uma estratégia cuidadosamente planejada e a combinação do poder aéreo e forças terrestres, Israel começou a retomar gradualmente seu território perdido. O general Moshe Dayan, reconhecendo a importância do poder aéreo, propôs uma estratégia que envolvia bombardeios para enfraquecer as forças militares árabes.

Ainda de acordo com os autores, embora o exército israelense estivesse em desvantagem em termos de número e capacidade de blindados, sua maior preparação e habilidades militares permitiram que eles abatessem com sucesso os blindados inimigos. Esses confrontos

³ <https://www.timesofisrael.com/a-yom-kippur-battle-through-the-lens-of-the-us-civil-war/>

enfraqueceram ainda mais as forças árabes, desequilibrando o campo de batalha a favor de Israel.

No dia 8 de outubro de 1973, Bastos (2020) comentou que as forças da FDI iniciaram um contra-ataque, mas não obtiveram sucesso, devido à falta de coordenação com a cobertura aérea, ou seja, não houve combinação de forças. Além disso, as unidades blindadas israelenses utilizaram uma tática falha ao tentar surpreender os egípcios, expondo-se aos ataques inimigos, pois, ao avançarem, ficaram sem o apoio da sua artilharia, como explicou Scarlecio, “afastavam-se da cobertura da artilharia e da proteção de sua infantaria” (SCARLECIO, 2003, p. 194).

Apesar das dificuldades iniciais enfrentadas por Israel, a situação começou a mudar com o contra-ataque efetivo na frente norte, onde os sírios foram pegos de surpresa pelas armadilhas e táticas de guerra em movimento empregadas pelas forças israelenses. Isso permitiu que as FDI avançassem no Golã em direção a Damasco, capital síria, com os sírios sofrendo muitas baixas e perda de equipamentos. A pressão internacional aumentou quando a estrada para a capital síria ficou aberta com soviéticos e americanos pressionando por um cessar-fogo na ONU (BASTOS, 2020).

Após as primeiras vitórias na invasão conjunta do Egito e Síria a Israel, em outubro de 1973, o presidente egípcio, Anwar Sadat, foi pressionado pelos aliados a avançar ainda mais em direção a Israel, mesmo com as advertências do chefe do Estado-Maior egípcio, General Saad Shazly, sobre a perda de cobertura aérea em caso de avanço em campo aberto no Sinai, de acordo com Bastos (2020).

Sadat, interpretando as necessidades políticas como prioritárias, deu ordem para o avanço, o que se mostrou seu maior erro. Os egípcios se afastaram de sua cobertura aérea, permitindo que a Força Aérea Israelense pudesse entrar em ação em suporte aos blindados israelenses. Além disso, os israelenses conseguiram surpreender o inimigo com novas armas recentemente adquiridas dos norte-americanos. Esse erro estratégico, somado à superioridade militar e ao apoio dos Estados Unidos, contribuiu para a reversão da situação em favor de Israel. (BASTOS, 2020)

Depois do sucesso no Sinai, as tropas israelenses cruzaram o Canal de Suez, isolando as forças egípcias em uma manobra ousada. Em seguida, voltaram suas forças para o norte, onde os sírios aguardavam com o apoio de reforços jordanianos, iraquianos, marroquinos e sauditas. Apesar da superioridade numérica das forças árabes, Israel conseguiu mobilizar rapidamente suas tropas e lançar um contra-ataque eficaz (BASTOS, 2020).

Enfim, de acordo com Bastos (2020), o apoio aéreo fornecido pela Força Aérea de Israel

(FAI) e a habilidade das unidades blindadas israelenses em surpreender o inimigo desempenharam um papel fundamental na conquista da vitória no confronto. A eficiência da FAI em fornecer suporte aéreo estratégico e tático, juntamente com as táticas surpreendentes das unidades blindadas, contribuíram significativamente para o sucesso das operações militares de Israel.

2.4.3 Fim da guerra

Na noite de 21 para 22 de outubro de 1973, o Conselho de Segurança das Nações Unidas adotou a resolução 338, que exigia que ambas as partes cessassem o fogo e parassem suas operações militares até o dia 23 de outubro, em vista da continuação das ações de guerra, conforme pronuncia Herzog (1977). O Conselho de Segurança adotou a resolução 339, confirmando a anterior.

O Acordo de Cessar-fogo foi assinado em 11 de novembro para que a Conferência de Paz em Genebra começasse em 21 de dezembro de 1973. Essa Conferência contou com a presença do Egito, Jordânia e Israel. Em 18 de janeiro de 1974, foi assinado um acordo, no qual Israel realizava várias concessões ao Egito, como a devolução de grande parte do território ocupado em 1967 na Península do Sinai e a permissão da reabertura do Canal de Suez (KONZEN, 2014).

2.5 IMPACTO DA DOCTRINA BLITZKRIEG PARA EVOLUÇÃO DA ARTE DA GUERRA

A Doutrina da Blitzkrieg foi desenvolvida pelos comandantes alemães antes e durante a 2ª Guerra Mundial. Essa estratégia foi de grande valia para o exército alemão, pois proporcionou à Hitler a conquista da maior parte do território europeu. Em razão disso, tornou-se uma das maiores contribuições para evolução da arte da guerra, fato que será abordado nesse tópico do trabalho

grandes potências começaram a adaptar seus exércitos à guerra de movimento, implementando estruturas mecanizadas para apoiar as operações da infantaria. Tanto o Exército Americano quanto o Britânico passaram a empregar de forma intensiva o poder aéreo, combinando-o com veículos blindados e helicópteros em suas operações, segundo Athayr (2010).

A Guerra Relâmpago se mostrou tão eficaz que suas características se mantiveram até os dias atuais, e foram observadas na Guerra do Golfo. Conforme Júnior (2010, p.36), “durante

a Guerra do Golfo de 1991 e a invasão do Iraque de 2003, as forças aliadas lideradas pelos generais Norman Schwarzkopf Tommy Franks, respectivamente, utilizaram a doutrina da Blitzkrieg como uma estratégia para obter uma rápida vitória sobre as forças iraquianas”.

A ênfase na guerra em movimento reflete a evolução da arte da guerra e a importância cada vez maior da mobilidade e da flexibilidade no cenário militar contemporâneo. Ao mesmo tempo, essa estratégia transcendeu as fronteiras e se tornou preocupação do Exército Brasileiro, que, com essa abordagem estratégica, demonstra a sua capacidade de adaptação e de incorporação de novas técnicas e tecnologias em suas operações e nos manuais doutrinários (ATHAYR, 2010).

Portanto, é confortável dizer que a Doutrina Blitzkrieg, implementada pelos alemães durante a Segunda Guerra Mundial, continua a exercer influência sobre as operações militares contemporâneas e a arte da guerra, mesmo após mais de seis décadas desde sua primeira aplicação na Polônia (ATHAYR, 2010). Enfim, sua eficácia e relevância continuam a ser reconhecidas, evidenciando seu impacto duradouro no pensamento estratégico e tático.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

3.1 MÉTODO DE PESQUISA

Para o desencadeamento deste trabalho, foram utilizados os métodos de pesquisa de cunho histórico e indutivo. Inicialmente, o método histórico foi escolhido para análise dos dados coletados sobre a Blitzkrieg, a Guerra de Yom Kippur e como a estratégia de Guerra Relâmpago contribuiu para o desenvolvimento da arte da guerra. A partir de uma minuciosa análise dos dados coletados, foi possível comprovar como o método de guerra alemão ajudou Israel a obter vantagem sobre os Países Árabes durante a Guerra de Yom Kippur, e como esse método contribuiu para o aprimoramento da arte da guerra.

Para melhor organização do trabalho, optou-se por dividir em três seções: o referencial teórico, apresentando os fatos; a seção de resultados e discussão, contendo a análise minuciosa com a interpretação dos episódios; e a conclusão, abrangendo a síntese dos principais pontos abordados.

A delimitação temporal e espacial dos dados coletados, juntamente com uma avaliação crítica desses dados, desempenharam um papel fundamental na produção de um trabalho histórico de qualidade. Esses elementos permitiram apresentar os fatos de forma clara e concisa, além de chegar a conclusões relevantes para a evolução da arte da guerra.

O método indutivo foi selecionado para conduzir um estudo de casos sobre como a Doutrina Blitzkrieg contribuiu para a vitória de Israel na Guerra de Yom Kippur. Para isso, foram apresentadas as manobras, realizadas pelos alemães na Segunda Guerra Mundial e pelos israelenses, com o objetivo de destacar suas semelhanças e, conseqüentemente, induzir uma conclusão.

Além disso, foi realizado um estudo de casos das características dessa doutrina para identificar que elas foram mantidas em conflitos subsequentes, evidenciando a evolução da arte da guerra. Com isso, foi possível obter uma análise mais aprofundada e conclusiva sobre a contribuição da Doutrina Blitzkrieg para a Guerra de Yom Kippur e para a evolução da arte da guerra em geral.

3.2 TIPO DE PESQUISA

Existem critérios que permitem classificar os tipos de pesquisa, quanto: ao nível de profundidade, ao instrumento de coleta de dados e a abordagem utilizada.

Quanto ao nível de profundidade: o tipo de pesquisa adotado foi a pesquisa explicativa, uma vez que seu objetivo central é explicar as relações de causa e efeito entre as variáveis, buscando compreender “como” e “por quê” determinado fenômeno ocorre. Nesse sentido, por meio de estudos de casos, foi possível analisar o efeito que a doutrina Blitzkrieg teve na Guerra de Yom Kippur e na evolução da arte da guerra. Assim, esta pesquisa permitiu explicar de forma mais aprofundada como a Blitzkrieg contribuiu para a vitória de Israel e como suas características foram mantidas em conflitos posteriores.

Quanto ao instrumento de coleta de dados: no que diz respeito a esse subtópico, optou-se pela pesquisa bibliográfica. Esse tipo de pesquisa busca explicar um problema com base na análise de dados coletados a partir de teorias, livros, artigos e manuais. Portanto, realizou-se uma revisão bibliográfica, utilizando principalmente artigos científicos e manuais que esclareciam a doutrina Blitzkrieg e suas características, bem como livros e artigos que explicavam a Guerra de Yom Kippur e as táticas de guerra utilizadas por Israel.

Quanto a abordagem utilizada: a abordagem utilizada, neste trabalho, foi qualitativa, uma vez que não foram utilizadas técnicas estatísticas na análise do problema. Portanto, foi realizada uma análise subjetiva da Doutrina Blitzkrieg e de como ela foi fundamental para a vitória de Israel na Guerra de Yom Kippur, além de ter sido utilizada em conflitos subsequentes por outros países, demonstrando a evolução da arte da guerra.

3.3 INSTRUMENTO DE PESQUISA

O instrumento escolhido para a coleta de dados foi o fichamento bibliográfico. Essa técnica consiste em registrar informações relevantes de obras consultadas, como livros e artigos científicos, permitindo a organização e sistematização dos dados obtidos. Dessa forma, foi possível reunir de maneira eficiente as informações pertinentes à doutrina Blitzkrieg, suas características e sua aplicação na Guerra de Yom Kippur, bem como nas táticas de guerra, utilizadas por Israel.

3.3 ETAPAS DA PESQUISA

A condução desta pesquisa seguiu uma estrutura bem definida. Inicialmente, o tema foi selecionado e delimitado com base na relevância de compreender os eventos históricos e as evoluções associadas à revolução promovida pela doutrina da guerra de movimento, conhecida

como Blitzkrieg. Para embasar o estudo, uma ampla pesquisa bibliográfica foi realizada, explorando diversas fontes e adquirindo um conhecimento aprofundado sobre o assunto.

Em seguida, o problema de pesquisa foi identificado e formulado, direcionando o trabalho para um objetivo claro e alcançável. Especificamente, o foco recaiu na análise da doutrina alemã Blitzkrieg com ênfase no esclarecimento conceitual e nas estratégias de manobra envolvidas. Paralelamente, foi estabelecida uma relação analógica entre essa doutrina e seu impacto na Guerra de Yom Kippur, onde Israel, utilizando os princípios dessa estratégia, obteve uma vitória significativa. Por fim, foi estabelecida também as consequências da guerra de movimento para o aprimoramento da arte da guerra.

Com base no objetivo geral, foram estabelecidos objetivos específicos que guiaram a pesquisa. Ato contínuo, foi realizado um extenso levantamento de literatura científica, consultando manuais e obras existentes com o intuito de fundamentar e fortalecer o embasamento teórico desta monografia. Uma leitura minuciosa de trabalhos acadêmicos relevantes foi conduzida, contribuindo para ampliar ainda mais o escopo do estudo.

Todo esse conhecimento adquirido foi utilizado como referência essencial para a conclusão deste trabalho acadêmico, buscando tornar esta monografia o mais abrangente e consistente possível.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A descrição da Guerra Relâmpago, a Blitzkrieg, utilizada pelo exército alemão na Segunda Guerra Mundial, destaca sua importância fundamental para o sucesso de Hitler, resultando em vitórias surpreendentes sobre os Aliados e a rápida conquista da Europa. Da mesma forma, na Guerra de Yom Kippur, Israel empregou táticas de guerra em movimento, combinadas com tecnologia, resultando em uma virada inesperada contra os países árabes.

Assim sendo, o desenvolvimento deste trabalho mostra que as táticas da Blitzkrieg utilizadas por Hitler se assemelha a de Israel, evidenciando a importância da mesma para a vitória deste e para a evolução da arte da guerra, aspecto primordial deste trabalho de conclusão de curso.

4.1 BLITZKRIEG NA 2ª GUERRA MUNDIAL

A manobra da Blitzkrieg, na Segunda Guerra Mundial, era baseada na velocidade e na surpresa, fato que auxiliou o exército germânico a lograr êxito sobre seus oponentes, mesmo estando, com inferioridade numérica. A ideia dessa estratégia era desferir um golpe rápido e decisivo, empregando forças combinadas de infantaria, carros de combate, artilharia e apoio aéreo, a fim de romper as linhas inimigas e avançar rapidamente, ganhando terreno, em direção ao objetivo final.

A guerra em movimento foi colocada na prática contra alguns países, sobretudo Polônia e França, os quais o exército alemão se sobressaiu. Na investida contra a Polônia, a manobra ainda era desacreditada, haja vista que seria empregada pela primeira vez. Entretanto, foi colocada à prova e com a estratégia de convergir forças móveis em um ponto da linha de batalha e por meios de rápidos avanços, os alemães conseguiram alcançar facilmente as profundezas do inimigo.

Em seguida, a força atacante cortava as linhas de comunicação e suprimento do inimigo para cercá-los e destruí-los. Como consequência, pode-se ter como resultado que a Blitzkrieg permitiu que os alemães capturassem a maioria do território polonês e conquistassem a primeira vitória, o que seria fundamental para seu desenvolvimento na guerra

Já no combate contra a França, a Guerra Relâmpago foi melhorada, pois, os comandantes alemães perceberam as falhas cometidas contra a Polônia e as repararam, de forma que o ataque fosse mais conciso e avassalador. Neste contexto, o plano alemão previa invadir pela floresta das Ardenas, a qual era considerada intransponível pelas forças aliadas. Todavia,

os alemães surpreenderam os inimigos ao invadirem os Países Baixos e depois avançarem rapidamente para o sul, através das Ardenas, de maneira a alcançar o Canal da Mancha em poucos dias.

A estratégia da Blitzkrieg utilizada contra a França resultou na derrota rápida da França e das forças aliadas em apenas seis semanas, marcando um momento significativo na Segunda Guerra Mundial. Essa tática contribuiu de maneira significativa para a vitória alemã e influenciou outros países, como o Estado de Israel, que basearam suas próprias batalhas nos preceitos da Guerra Relâmpago.

4.2 TÁTICA EMPREGADA POR ISRAEL NA GUERRA DE YOM KIPPUR

Na Guerra de Yom Kippur, o Estado de Israel tinha, como principal finalidade, similarmente a Hitler, desferir golpes velozes e fatais. Entretanto, como Israel se defendia, a guerra de movimento foi usada para abrir brechas nas linhas inimigas, em busca de retomar a ofensiva. Além disso, os israelenses utilizaram fortemente sua Força Aérea e a inteligência militar para garantir uma maior eficácia no combate.

Inicialmente, no conflito, por negligência e despreparo das forças armadas, Israel começou em desvantagem, devido, também, aos Países Árabes atacarem no dia do feriado de Yom Kippur. Não obstante, os israelenses conseguiram reverter a situação desfavorável empregando a combinação de táticas de guerra em movimento, baseadas na Doutrina da Blitzkrieg.

A guerra em movimento, para Israel, particularmente foi eficaz na frente norte do conflito contra as forças sírias, na qual o exército israelense usou manobras ousadas e inesperadas, como a infiltração de tropas especiais e a dissimulação, combinadas com os ataques aéreos e por meios de carros de combate. Por conseguinte, é possível de dizer que a Doutrina da Blitzkrieg, paralelamente, com o avanço tecnológico, foi um fator determinante para o sucesso do Estado de Israel na Guerra de Yom Kippur.

Segundo Bastos (2020), a Guerra do Yom Kippur ilustra de forma notável como as novas tecnologias e estratégias de combate podem ter um papel decisivo. A vitória israelense em 1973 evidenciou a importância dos avanços tecnológicos na condução da guerra. O autor ainda explica que o aumento do poder letal e da velocidade das armas modernas desempenhou um papel fundamental na superação das desvantagens numéricas enfrentadas por Israel.

Bastos (2020) declara que a campanha israelense destacou a importância do aprendizado oriundo das derrotas anteriores e da combinação estratégica entre artilharia e infantaria. Essa

abordagem estratégica foi essencial para superar os desafios enfrentados por ambos os lados do conflito. A partir dessas lições, pode-se concluir que a combinação desses fatores é crucial para alcançar a vitória em conflitos futuros.

4.3 INFLUÊNCIA DA BLITZKRIEG NA EVOLUÇÃO DA ARTE DA GUERRA

Tendo como base o que foi citado nos parágrafos mencionados neste trabalho, a estratégia da Blitzkrieg teve um impacto fundamental no desenvolvimento da arte da guerra, principalmente, nos aspectos: velocidade e mobilidade; concentração de forças; apoio aéreo; planejamento e inteligência e psicologia do inimigo.

VELOCIDADE E MOBILIDADE: A Blitzkrieg enfatizava a velocidade e a mobilidade como fatores cruciais para o sucesso militar. As forças alemãs foram equipadas com carros de combate rápidos e unidades motorizadas, permitindo a rápida concentração de forças e a exploração de brechas na linha de defesa inimiga. Isso influenciou na importância atribuída à velocidade e à mobilidade nas operações militares subsequentes.

A conquista da Polônia pelos alemães em 1939 a subsequente invasão da Europa Ocidental, em 1940, comprovam na História Militar a eficiência decisiva da guerra mecanizada de alta velocidade, cuja teoria, concebida na Grã-Bretanha, foi adotada pela Alemanha em grande parte devido aos esforços do General Guderian, criador das forças “panzer” alemãs... E a técnica aplicada em seu emprego não somente revolucionou a guerra como alterou o curso da História. (IBRASA, 1999, p.289)

CONCENTRAÇÃO DE FORÇAS: A doutrina da blitzkrieg enfatizava a necessidade de concentrar forças em um ponto decisivo para romper as linhas inimigas. Ao contrário das táticas de guerra de trincheiras da Primeira Guerra Mundial, a Guerra Relâmpago buscava evitar a dispersão das peças de manobra, a fim de canalizar o inimigo e aumentar as chances de um exército com inferioridade numérica pudesse vencer um combate contra um inimigo em maior número. Essa ênfase na concentração de forças influenciou as estratégias subsequentes, como a guerra centrada em rede e a doutrina de manobra.

Segundo Gilbert (1998), a Síria havia ameaçado invadir a Jordânia, enquanto radicais palestinos ligados à Organização para a Libertação da Palestina (OLP) tentavam derrubar o Rei Hussein por meio de uma revolução. Esses eventos destacam as tensões e conflitos que ocorriam na região na época, demonstrando as ameaças e desafios enfrentados pela Jordânia em relação à sua segurança interna e à estabilidade política.

Para evitar a ameaça síria e manter relações favoráveis com a Jordânia, Israel optou por concentrar recursos militares nos montes Golã, criando uma ameaça potencial à capital da Síria, Damasco (Grabbe, 1997). Essa estratégia visava dissuadir a Síria de tomar ações hostis e proteger os interesses de Israel na região, com o objetivo de evitar a criação de um Estado

Palestino, que era considerado indesejável na época.

APOIO AÉREO: A guerra de movimento também reconheceu a importância do apoio aéreo em coordenação com as forças terrestres. O uso estratégico de bombardeiros e caças para atacar as linhas de comunicação e os centros de comando inimigos foi vital para que a doutrina lograsse êxito. Em vista disso, levou ao desenvolvimento de forças aéreas mais integradas e estratégicas, desempenhando um papel crucial em futuros conflitos.

O que explica a vitória israelense na Guerra dos Seis Dias, apesar de em desvantagem material e numérica, são os fatores “imponderáveis da Guerra”, notoriamente a velocidade dos ataques aéreos da FAI, similares às guerras-relâmpago da Segunda Guerra Mundial, os quais surpreenderam os árabes, estabelecendo o rápido domínio israelense em todo o Sinai em 72 horas. (ABREU, 2014, p.5)

PLANEJAMENTO E INTELIGÊNCIA: A Blitzkrieg destacou a importância do planejamento detalhado e da inteligência para o sucesso militar. O conhecimento das fraquezas e vulnerabilidades do inimigo, juntamente com a análise cuidadosa do terreno e das condições operacionais, tornou-se fundamental na aplicação dessa doutrina. Esse foco, na coleta de informações e no planejamento, influenciou a evolução das operações militares, especialmente no campo da inteligência militar. “O Egito nada fazia e decidiu confiar nas agências de inteligência egípcias, as quais informaram que conseguiriam alertar Israel “sobre ações hostis de grande envergadura em 48 horas de antecedência” (SCARLECIO, 2003, p.19).

PSICOLOGIA DO INIMIGO: A Blitzkrieg buscava explorar a psicologia do inimigo, criando um estado de choque e desorganização através de ataques rápidos e devastadores. A rápida conquista de território e o colapso das linhas inimigas pretendiam minar a moral e a capacidade de resistência do oponente. Essa abordagem psicológica do combate teve um impacto duradouro na arte da guerra com estratégias posteriores, que buscam explorar o elemento psicológico em conflitos. “Já os aliados, franceses, britânicos e noruegueses, perderam aproximadamente 5.000 homens entre mortos, feridos e desaparecidos e sofreram um golpe na sua moral por mais uma derrota para os alemães, de forma contundente e rápida” (SHIRER, 1962, p.139).

A relevância contínua da Blitzkrieg na evolução da arte da guerra fica destacada na preocupação constante das forças armadas em desenvolver novas táticas e tecnologias para aumentar a mobilidade e a eficiência em campo. A Blitzkrieg se tornou um ponto de referência histórico importante para a estratégia militar e um exemplo de como a inovação e adaptação podem influenciar profundamente a maneira como as guerras são travadas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em conclusão, o emprego da doutrina da Blitzkrieg na Guerra de Yom Kippur teve significativas consequências para a arte da guerra, sendo um divisor de águas na história militar. Ao analisar as características da guerra de movimento e as formas de manobra utilizadas, foi possível identificar semelhanças entre as estratégias empregadas pelos israelenses na Guerra de Yom Kippur e os princípios da Blitzkrieg.

A rápida conquista de territórios por parte de Israel durante o conflito foi determinante para a surpreendente reviravolta israelense na batalha e demonstrou a eficácia da doutrina da Blitzkrieg e seu impacto na condução das operações militares. Essa abordagem estratégica, que combinava o uso intensivo de veículos blindados, coordenação tática e concentração de forças em pontos-chave, permitiu alcançar resultados grandiosos a curto prazo.

Além da Guerra de Yom Kippur, a doutrina da Blitzkrieg também foi adotada em conflitos posteriores, como, por exemplo, a Guerra do Golfo e a Guerra do Iraque. Desse modo, ficou evidente sua influência duradoura na condução da guerra. Diversos países utilizaram e adaptaram essa doutrina, atualizando suas peças de manobra, especialmente no que diz respeito ao uso de veículos blindados e outras tecnologias militares.

A criação e implementação da doutrina da Blitzkrieg trouxe inovações significativas para a arte da guerra, revolucionando as táticas de combate. A mobilidade, a velocidade e a coordenação das forças se tornaram aspectos cruciais, influenciando o desenvolvimento de novas estratégias e a modernização das forças armadas em todo o mundo. Sendo assim, o emprego da doutrina da Blitzkrieg na Guerra de Yom Kippur e sua subsequente utilização em conflitos contemporâneos destacam seu impacto indelével na arte da guerra.

As características da guerra de movimento e as formas de manobra associadas à Blitzkrieg foram fundamentais para o sucesso militar e continuam a influenciar as estratégias adotadas atualmente. A evolução das peças de manobra, em especial os veículos históricos, reflete a importância dessa doutrina na modernização das forças armadas e na busca por uma vantagem tática decisiva.

REFERÊNCIAS

- BASTOS, F. C. F. A. **Análise estratégica da guerra do yom kippur, a contraofensiva tática.** 2020. Disponível em: <<http://portaldeperiodicos.marinha.mil.br/index.php/revistamaritima/article/download/707/704>>. Acesso em: 17 abr. 2021.
- BATISTA, G. A. S. **A Guerra do Yom Kippur: o sucesso das Forças de Defesa de Israel contrariando a lógica.** Academia Militar Direção De Ensino Curso De Infantaria Trabalho De Investigação Aplicada. História. 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10400.26/6904>>. Acesso em: 13 abr. 2022.
- CAWTHORNE, N. **Blitzkrieg: o plano estratégico de Hitler para conquistar a Europa.** São Paulo: MBooks, 2015.
- COSTA, C. R. A. **Carros de combate: a história dos tanques de guerra do nascimento à Blitzkrieg 1916-1945.** São Paulo: 2022.
- FRIESER, Karl-Heinz; GREENWOOD, John T. **The Blitzkrieg Legend: The 1940 Campaign in the West.** Annapolis: Naval Institute Press. (Tradução livre), 2005.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa.** São Paulo: Atlas, 2022.
- GILBERT, M. **A História de Israel.** Lisboa: 1998.
- GRABBE, L. L. **Can a 'History of Israel' Be Written?** Sheffield: Sheffield Academic Press, 1997.
- GUDERIAN, Heinz. **Achtung, Panzer!** Rio de Janeiro. BIBLIEX, 2009.
- HERZOG, C. **A guerra do Yom Kippur.** Rio de Janeiro: Bibliex, 1977.
- HOUSE, Jonathan M. **Combinação das Armas. A guerra do Século XX.** Rio de Janeiro. BIBLIEX 2008.
- JUNIOR, Athayr Araujo Pereira. **A Blitzkrieg alemã e a evolução da arte da guerra.** Monografia apresentada ao curso de pós- graduação lato sensu em História Militar, da Universidade do Sul de Santa Catarina. Palhoça/SC 2010. Disponível em https://repositorio.animaeducacao.com.br/bitstream/ANIMA/11921/1/106258_Athayr.pdf. Acesso em 23 abr. 2023.
- KEEGAN, J. **A batalha e a História.** Rio de Janeiro: Bibliex, 2006.
- KENEZ, P. **História da União Soviética.** São Paulo: Edições 70, 2017.
- KONZEN, C. A. **Do sionismo à Guerra do Yom Kippur: uma análise das quatro guerras israelo-árabes.** Lajeado: UNIVATES, 2014.
- MCKNIGHT, Sean. Esquema de manobra da Invasão da França. In.: Holmes Richard, Plimlott John, org. **Atlas Hutchinson de Planos de Batalhas.** Rio de Janeiro. BIBLIEX, 2008.
- OUTZE, Borge. **Danmark under anden verdenskrig.** Copenhagen: Hasselbalch, 1962.
- RODRIGUES, Luiz Fernando Confessor. **A guerra relâmpago (Blitzkrieg) alemã: da Teoria à capacitação estratégica, tática e tecnológica bélica e militar ao êxito nos campos de**

batalha (1939-1940). Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em História) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2015.

RUTHERFORD, W. **Blitzkrieg 1940.** São Paulo: Bison, 1985.

SHIRER, William L. **Ascensão e Queda do Terceiro Reich.** Trad. DE CARVALHO, Leônidas Gontijo. Volume III, Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1962.

YOUNG, Perter. **Segunda Guerra Mundial.** Trad. KRESTAN, R. E. São Paulo, Editora Círculo do Livro.

SCARLECIO, Márcio. **Oriente Médio: uma análise reveladora sobre dois povos condenados a conviver.** Rio de Janeiro: Campus, 2003.

SALEM, Helena. **O que é a Palestina?** São Paulo: Ed. Brasiliense, 1ª edição, 1982.